

Um *part-time* de 15 dias

Nas duas semanas que aí vêm, a ocupação que propomos equivale sensivelmente a um emprego de tempo parcial – sem folgas. Entre as criações e os encontros com os artistas que nos visitam, esta edição do Festival tomar-nos-á sensivelmente 49 horas e 50 minutos das nossas vidas. A esse tempo há que juntar as conversas imprevisíveis que se não-de geram – antes e após os espectáculos – sobre aquilo que os criadores têm este ano para nos dizer – ou para nos perguntar, as mais das vezes. Peter Brook dizia que as boas peças só se iniciam quando regressamos a casa. E que nos visitam quando menos esperamos.

Queixamo-nos de que o tempo é o que mais nos vai faltando. Mas para que servirá o tempo, se não tivermos tempo para durante um par de horas desligarmos o telefone e participarmos nesse ritual colectivo de estar ‘no local onde se vê’, que foi como os gregos chamaram ao teatro quando o inventaram, há 2.500 anos? Inspiremo-nos no estoicismo dos xadrezistas de Ricardo Reis, mesmo intuindo que nas nossas Pérsias a barbárie prossegue, mais ou menos sub-reptícia, mais ou menos próxima.

Os artistas são capazes de gestos que nos fazem descobrir outros mundos. Ao final da tarde, por exemplo, das varandas do Teatro Azul avistam-se os tons que Ilda David pintou, e que escolhemos para o cartaz desta edição. Gestos desse calibre não estão ao alcance de todos, é certo. Mas, se não aproveitarmos a redenção que a sua contemplação nos traz, então estamos a deitar fora aquilo que nos fez erguer nas patas traseiras e caminhar direitos, há milhares de anos atrás. No fundo, este *part-time* não nos ocupará tempo nenhum das nossas vidas – antes pelo contrário.

Rodrigo Francisco

Tensão e compaixão no turno da noite

A Companhia de Teatro de Almada repõe a partir de amanhã, e até dia 17, a peça *Além da dor*, do dramaturgo inglês Alexander Zeldin, que venceu o Prémio de Melhor Espectáculo do Ano, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores. Estreada em Março de 2022 na Sala Experimental do TMJB, esta criação foi a primeira e única vez que uma peça deste autor foi dirigida por alguém que não o próprio. Com a maior parte das sessões esgotadas durante essa carreira, o espectáculo obteve o reconhecimento da crítica: “Uma encenação cuidada, segura e empenhada” (*Público*); “O teatro de Zeldin é um teatro da compaixão” (*Expresso*); “Desempenhos excelentes, nomeadamente das três actrizes trabalhadoras” (*Jornal de Letras*).

Quatro pessoas apresentam-se para trabalhar no turno da noite numa fábrica de processamento de carne. Encontram-se pela primeira vez. São empregadas de limpeza, vêm de uma agência de



© Rui Carlos Mateus

emprego temporário. Têm todas contratos precários. A cada turno, estas pessoas fazem as limpezas. De quatro em quatro horas, fazem uma pausa. Bebem juntas chá ou café. Lêem revistas. Conversam. Quando começa a amanhecer, vão para casa, ou para outro emprego. O ciclo continua. E continua. Estra-

nhas, estas pessoas. Até que algo se agita, até que se aproximam demasiado umas das outras, a demasiada velocidade. Esta peça de Alexander Zeldin, de um humor negro e uma honestidade brutal, foi escrita colectivamente com a sua companhia de actores, e expõe as histórias de uma classe invisível.

1962: o 'Verão de todas as mudanças'

As Causas Comuns apresentam – amanhã e Sábado, na Sala Principal do TMJB – *Fonte da Raiva*, que Cucha Carvalho escreveu e dirigiu a partir de *Danças a um deus pagão*, de Brian Friel. A peça foi considerada um dos dez melhores espectáculos de 2023 pelo jornal *Expresso* e é constituída por cenas curtas intercaladas pela intervenção da narradora, que se dirige directamente ao público. Assistimos ao convívio entre o presente e passado, numa tentativa de refazer memórias felizes, que escondiam tempos sombrios. Esta dramaturgia assenta nas memórias de Amélia, uma mulher filha de mãe branca e pai negro, que regressa às ruínas da casa onde nasceu, em Fonte da Raiva, uma das aldeias mais pobres de Portugal. Evoca-se o Verão de 1962. O império português – desde a queda de Goa, o



© EGBAC - Teatro São Luiz, Estelle Valente

assalto ao Santa Maria e o início da Guerra Colonial – iniciara a sua lenta agonia, no ano anterior.

No *Jornal de Letras*, Helena Simões apontou que a peça “trata com delicadeza e arte os temas da ditadura, racismo, homossexualidade, censura, guerra e morte – a

demonstrar como o teatro pode ser um antídoto para todos eles”, ao passo que João Carneiro, no *Expresso*, destacou que “a obra é atravessada pela música, pela dança e por uma capacidade involuntária de investir todos estes elementos da mais intensa poesia”.

As Medeias contemporâneas

Todos os anos o público do Festival vota, no último dia, na sua peça favorita para que regresse na edição seguinte como Espectáculo de Honra. Em 2023 a escolha recaiu em *Jogging*, da atriz e encenadora Hanane Hajj Ali, que descreve a sua peça como um “texto bastardo”, cuja apresentação nas salas de espectáculos convencionais a censura do meu país não autorizaria, devido aos temas que levanta”. Hanane Ali teve a ideia para esta criação em

2012, durante as suas sessões de *jogging* pré-matinais. Nessa altura a criadora libanesa vivia obcecada pela figura mitológica de Medeia: “Como é que uma mulher pode assassinar os seus próprios filhos? É muito claro que não pode”. Até que um dia foi diagnosticado um tumor maligno ao seu filho mais novo.

Hanane teve então um sonho: que o asfixiava, para o livrar do sofrimento. Despertou, sobressaltada. Mas esse sonho não mais a largou durante as suas corridas

por Beirute, com a cidade ainda meio adormecida.

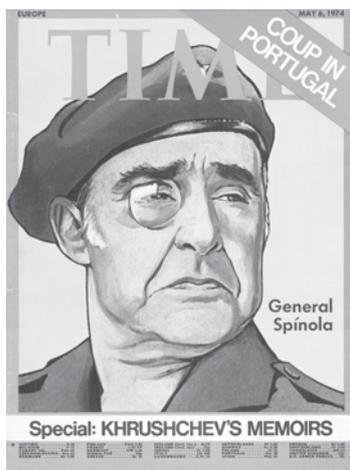
Estava concebido um espectáculo “brutal, sombrio e notavelmente interpretado” (*I/O*, França); “gloriosamente imprevisível e empolgante” (*The Skinny*, Escócia); “com um ritmo soberbo e uma interpretação corajosa” (*Arts Equator*, Singapura); “engraçado, irónico, mas também cruel” (*American Theatre*, EUA). Em cena entre amanhã e Domingo no Salão de Festas da Incrível Almadense.



© Marwan Tahhan

Inauguração de exposição

Amanhã inaugura às 19h, numa visita guiada por José Pacheco Pereira, a exposição *25 de Abril: Os dias, as pessoas e os símbolos*. Esta mostra ficará no foyer e na Galeria do TMJB até 27 de Outubro. Para além de publicações (portuguesas e estrangeiras) sobre a Revolução editadas nos dias que se seguiram ao golpe de Estado, e de capas de jornais e revistas do período do PREC, esta exposição integra uma colecção com capas da revista humorística *Gaiola Aberta*, de Vilhena. Na Galeria do Teatro estará patente uma reprodução do *Mural de Alcântara*, executado em 1975 no Largo do



Calvário, em Lisboa, pelo artista plástico chileno Francisco Ariztía (1943-2022).

Esta exposição é co-apresentada com o Arquivo Ephemera e tem concepção plástica de José Manuel Castanheira.

Assinaturas esgotadas, mas ainda há bilhetes

As duas últimas Assinaturas foram compradas por José e Isabel Lourenço, um casal que viu o Festival crescer junto com os filhos. O gosto pelo teatro é passado para todos ao redor dos Lourenço. “Já trouxemos muitos amigos de fora de Almada para o Festival”, conta Isabel. Ao relembrar as mais de 30 edições em que o casal participou, José Lourenço afirma: “o Festival de Almada já faz parte das nossas vidas”. Ainda há bilhetes avulsos para: *Fonte da Raiva*, *Sans tambour*, *Crisi di nervi*, *Além da dor*, *La tempesta*, *Remédio*, *Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo*, *Jogging* e *Entrelinhas*. Estas entradas podem ser adquiridas *online* ou na bilheteira do TMJB. Para os espectáculos do Palco Grande a bilheteira abre uma hora antes do início da peça.

Amanhã na Esplanada há colóquio com Miguel Fragata e Inês Barahona

O filósofo alemão Josef Pieper acredita que a tradição cria vínculos pessoais e definitivos entre aqueles que dela participam. Porém, um comportamento depende da aceitação do público para tornar-se tradição. É por este motivo que o Festival une artistas e público por mais um ano nos Colóquios na Esplanada.

Inês Barahona e Miguel Fragata são fundadores e directores da companhia Formiga Atómica. Ambos se debruçam sobre questões

contemporâneas para criar espectáculos destinados a um público variado. Assinaram obras como *A caminhada dos elefantes* (2013), *The Wall* (2015), *A visita escocesa* (2016) e, mais recentemente, *Terminal (O Estado do Mundo)*, que inaugura hoje o Festival.

A conversa com os criadores de *O Estado do Mundo*, moderada por Maria João Guardão, acontece amanhã. Às 18h, o público pode encontrá-los na Esplanada da Escola D. António da Costa.

DEIXA DO DIA

“Se tudo correr bem, enquanto houver uma história para contar, talvez consigamos adiar, como Xerazade, o fim do mundo.”

In *Terminal (O Estado do Mundo)*, de Inês Barahona

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Perna de peru no forno
Moqueca de pescada
Couve flor com macarrão e queijo

AMANHÃ

Favas com chouriço e entremeada
Esparguete com camarões
Salada de manga e arroz de coco